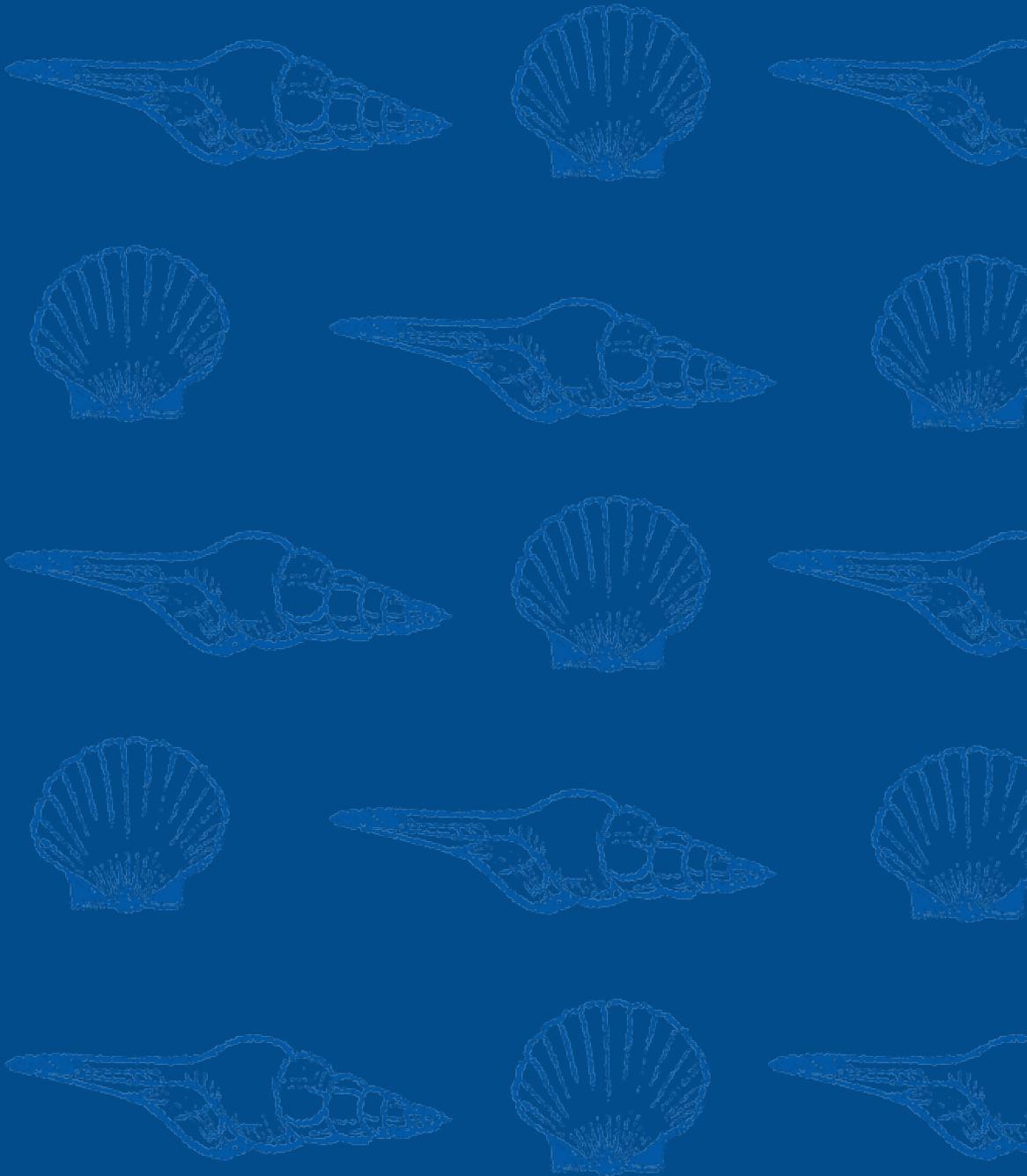


MUTIRÃO +CULTURA

TURISMO NA ESCOLA

Uma proposta para
o Ensino Fundamental

Editora
UFPR



TURISMO NA ESCOLA: uma proposta para o Ensino Fundamental

**FELIPE SOUZA
CELINA NASCIMENTO
ANDRÉ ALVES**

**Beatriz Cabral
Gisele Horokoski
Aline de Oliveira Gonçalves
(Orgs.)**

Editora
UFPR

Curitiba, 2019

PROJETO MUTIRÃO +CULTURA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

Projeto Mutirão + Cultura

Reitor

Prof. Dr. Ricardo Marcelo Fonseca

Vice-Reitora

Prof^a. Dr^a. Graciela Bolzón de Muniz

Pró-Reitor de Extensão e Cultura da UFPR

Prof. Dr. Leandro Franklin Gorsdorf

Coordenadora de Extensão

Prof^a. Dr^a. Maria Virgínia Filomena Cremasco

Coordenador de Cultura

Prof. Dr. Rodrigo Arantes Reis

Diretor da Editora UFPR

Prof. Dr. Rodrigo Tadeu Gonçalves

Vice-Diretor da Editora UFPR

Prof. Dr. Hertz Wendel de Camargo

Diretora do Museu de Arqueologia e Etnologia

Dr^a. Bruna Marina Portela

EQUIPE

Apresentação e organização

Prof^a. Dr^a. Deise Cristina de Lima Picanço

Fernanda Cristina Lopes

Pamela Cristine de Oliveira

Editoração

MAE

Projeto Gráfico

Victor Uchoa

SUMÁRIO

Apresentação	6
Noções básicas sobre turismo e hospitalidade	15
Turismo no litoral do Paraná	21
Justificativa	26
Turismo na escola: possíveis caminhos para planejar	28
Projeto em movimento: execução das atividades	30
ATIVIDADE 1 – O USO DE DRAMATIZAÇÕES	30
Glossário das expressões regionais usadas no texto	32
ATIVIDADE 2 – CARTOGRAFIA TURÍSTICA INFANTIL	38
ATIVIDADE 3 – OFICINAS CULTURAIS	40
Caça ao Tesouro	42
Sistematização do conhecimento ao fim das propostas	46
PARÓDIA: A CANOA DE UM PAU SÓ	47
PALAVRAS CRUZADAS	48
Resultados esperados	50
Referências	52
Equipe	54
Agradecimentos	54

1 Mutirão, prática que dá nome ao projeto, caracteriza-se por ser uma atividade coletiva em que todos participam de algum modo para a realização de alguma tarefa importante e que seria muito difícil realizar sem a colaboração de toda a comunidade, como a colheita da roça, o arrasto da rede de pesca, a preparação de alimentos, a construção de casas, entre tantas outras atividades.

Origem: do Tupi-Guarani pitibô, popitibô, picorô, que significa “ajudar”. Auxílio gratuito que prestam uns aos outros os membros de uma determinada comunidade, reunindo-se todos em proveito ou de um de seus membros, ou de todos, como no caso da implementação de obra(s) de infraestrutura.

(DICIONÁRIO de Palavras Brasileiras de Origem Indígena. Disponível em: <https://www.dicionariotupiguarani.com.br/dicionario/mutirao/>. Acesso em: 6 ago. 2019)

2 O termo caiçara tem origem tupi-guarani: caá-içara denomina as estacas colocadas em torno das tabas ou aldeias, além de responder ao instrumento feito de galhos de árvores fincados na água para cercar os peixes. Com o tempo, o termo passou a ser usado para denominar as comunidades que vivem ao longo do litoral dos estados de São Paulo, Paraná e Rio de Janeiro. (DIEGUES, A. C. S. Diversidade biológica e culturas tradicionais litorâneas: o caso das comunidades caiçaras. Série Documentos e Relatórios de Pesquisa, n. 5. p. 9. São Paulo: NUPAUB-USP, 1988).

3 CANCLINI, N. G. Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. 2. ed. Tradução: Heloísa P. Cintrão e Ana Regina Lessa. 2. ed. São Paulo: Edusp, 1998.

Apresentação

MUTIRÃO¹ NA ESCOLA: práticas e saberes para compartilhar na sala de aula

Este fascículo faz parte da coletânea paradigmática **MUTIRÃO NA ESCOLA: práticas e saberes para compartilhar na sala de aula**, a qual se propõe a partilhar com os professores, pedagogos, educadores e alunos uma parte dos resultados das atividades desenvolvidas nos últimos anos pelos participantes do projeto **Mutirão +Cultura** na UFPR.

A coletânea, apresentada em cinco fascículos, tem como propósito trazer conhecimentos e perspectivas sobre as práticas e os saberes das comunidades do litoral do Paraná e sua diversidade étnica e cultural, para que possam ser trabalhados por todas as escolas do estado, já que muitas das atividades aqui propostas tiveram a participação de comunidades escolares.

A intenção deste conjunto paradigmático, portanto, é fornecer ao professor algumas reflexões e sugestões de atividades para serem desenvolvidas em sala de aula, visando a construção de conhecimentos sobre a cultura e os modos de vida do litoral, como parte da problematização das várias formas de viver e pensar as práticas cotidianas de comunidades caiçaras² urbanas e rurais, indígenas e quilombolas – grupos sociais muitas vezes silenciados ou invisibilizados.

Para trabalhar com esses modos de vida a partir da compreensão dos sujeitos que neles constroem sua existência, partimos da ideia de Néstor Canclini³ de que,

na América Latina, tivemos uma permanente história de construção de culturas híbridas. Nesse longo processo, a modernidade passou a equivaler à noção de pluralidade, mesclando relações entre grupos hegemônicos e subalternos, tradicionais e modernos, cultos, populares e massivos.

Uma das críticas do autor aos recentes estudos sobre cultura popular refere-se ao fato de se interessarem mais pelos bens culturais (objetos, músicas, lendas) do que pelos sujeitos geradores e consumidores desses bens. Analisando as investigações sobre cultura, Canclini percebe que, nesses estudos, cultura popular pertenceria àqueles desprovidos de patrimônio ou que não conseguem o seu reconhecimento e a sua conservação como tal. Um exemplo dessa dinâmica pode ser observado nos artesãos: por não serem tratados como artistas, suas obras não participam do mercado de bens simbólicos e de seus processos de legitimação. São também populares nesses estudos os espectadores dos meios de comunicação de massa que, excluídos dos processos formativos mais institucionalizados, são considerados inaptos para consumir a alta cultura, por não dominarem a terminologia e a história dos estilos artísticos. Contrário a essa perspectiva, Canclini propõe que os estudos da cultura popular exigem que nos livremos da pretensiosa concepção de autonomia absoluta ou de uma pureza dessas práticas, assim como do desejo complacente de autossuficiência, como se fosse possível ignorar as indústrias culturais, o turismo, as relações econômicas e políticas com os mercados nacionais e transnacionais de bens simbólicos. Isso porque, para o autor, na cultura popular não há uma simples e pura repetição ordenada das tradições. Nela são confrontadas muitas práticas e muitos rituais são transgredidos por meio da incorporação de temas, costumes e tecnologias, como nos carnavais, nos bailes

de fandango e na produção, divulgação e preservação de saberes como os da pesca, do mutirão e da confecção de peças de artesanato.

Esta coletânea, portanto, busca contemplar os objetivos das ações do Eixo 1 do Projeto **Mutirão +Cultura** – que se refere à atuação junto à Educação Básica –, conforme edital do MEC/MINC. As ações do Eixo 1 trabalharam com conhecimentos e conteúdos resultantes do mapeamento cultural colaborativo e do inventário das práticas culturais do litoral do Paraná, e também do desenvolvimento e proposição de metodologias didáticas, como as Caixas Didáticas, a Contação de Histórias e as Rodas de Leitura, metodologias contextualizadas a partir da memória, de histórias, de representações e de identidades do litoral. Posteriormente ao processo de formação dos professores, educadores e agentes culturais vinculados às comunidades selecionadas, foram elaboradas propostas de atividades pedagógicas com a finalidade de servir de material de difusão da diversidade e pluralidade cultural do litoral a professores e educadores de outras regiões do Paraná e do Brasil.

Esperamos que a implementação de projetos temáticos vinculados aos conhecimentos das comunidades do litoral do Paraná nas escolas seja uma estratégia que possibilite abordar questões relacionadas aos saberes e práticas culturais, à educação ambiental, linguística e histórica e às noções de hospitalidade, de alteridade e de cidadania.

A partir dessas breves considerações, passamos a apresentar os fascículos que compõem a coletânea. Todos eles são resultado das ações previstas no Projeto **Mutirão +Cultura** e desenvolvidas nos últimos dois anos.

O primeiro fascículo trata das atividades de **Turismo na Escola: uma proposta para o Ensino Fundamental**. Tais ações referentes às práticas do turismo partem da percepção de que, além de contar com praias de fácil acesso, o litoral é um local com grande diversidade de opções de lazer, que atraem moradores de outras regiões do Paraná. Entre elas, destacam-se os banhos de mar, de rio e de cachoeira, as visitas aos monumentos e ao patrimônio histórico e cultural, os passeios de barco pelas paisagens das baías e ilhas de Antonina, Paranaguá, Guaraqueçaba e Guaratuba, a experiência de conviver com moradores das propriedades rurais de Morretes, Antonina, Guaratuba e Guaraqueçaba e as visitas aos centros e caminhos históricos e à cadeia de montanhas da Serra do Mar.

O fluxo turístico na região se intensificou a partir do século XX, com a construção, pavimentação e melhorias das estradas que ligam a capital do estado aos municípios litorâneos. As iniciativas de investimento em infraestrutura, além de possibilitarem o acesso ao porto de Paranaguá e às rotas comerciais nas proximidades de Curitiba, viabilizaram o desenvolvimento das atividades balneárias e os passeios pelas diferentes paisagens do litoral. Partimos da premissa, portanto, de que o turismo como prática pedagógica torna-se essencial para que os educandos estejam preparados para receber e acolher os visitantes, para fazer uma análise crítica sobre as práticas do turismo e compreender as diversas possibilidades de realizá-lo, trazendo benefícios para o lugar em que vivem por meio do compartilhamento de saberes e da organização social de sua comunidade. Para tanto, as propostas pedagógicas baseiam-se nos modelos de práticas aplicadas nas escolas municipais Antônio Barbosa Pinto,

em Guaraqueçaba, e Iraci Miranda Kruger, em Guaratuba, promovidas no marco do projeto **Mutirão +Cultura** entre 2015 e 2018.

O segundo fascículo trata das atividades desenvolvidas com as comunidades indígenas do litoral que resultaram na exposição **Nhande Mbya Reko: Nosso Jeito de Ser Guarani**, realizada no Museu de Arqueologia e Etnologia da UFPR, em Paranaguá. Essa exposição se caracteriza por ter sido o resultado de uma curadoria compartilhada. Em geral, na museologia, a curadoria se refere tanto ao conjunto de ações para a formação, conservação e documentação das coleções quanto aos procedimentos necessários para a montagem de uma exposição. Numa versão compartilhada ou colaborativa de curadoria, todas as decisões sobre a exposição são tomadas em conjunto. Nessa exposição participaram da curadoria a equipe do museu (antropólogos, museólogos, designers e um fotógrafo) e representantes das cinco comunidades indígenas guarani participantes, todas elas localizadas na região do litoral do Paraná ou em suas imediações.

É importante ressaltar que os Guarani são um povo indígena que vive em territórios da Argentina, Paraguai, Bolívia e Brasil. A população guarani é de aproximadamente 284.000 pessoas, das quais 85.255 se encontram no Brasil, em diversas terras indígenas e cidades de vários estados (RS, SC, PR, SP, RJ, ES, MS, PA). Ainda que a região do litoral do Paraná seja considerada um território tradicionalmente guarani, como demonstram dados históricos e arqueológicos, as comunidades enfrentam grandes dificuldades para usufruir dessas terras, de forma que lhes permitam desenvolver seu modo de vida.

Hoje, as terras que cada comunidade ocupa são insuficientes para desenvolver atividades de subsistência tradicionais, como o cultivo da roça e a caça. Por essa

razão, os Guarani desenvolvem há décadas o artesanato como modo alternativo de obtenção de renda, tornando-o fundamental em muitas comunidades. Entretanto, isso não quer dizer que seja um simples produto econômico. Os artesanatos guarani refletem aspectos de sua cosmologia e da sua religiosidade. Foi a partir desses aspectos e das narrativas que as propostas de atividades contidas nesse fascículo foram elaboradas.

O terceiro fascículo da coletânea, **As comunidades quilombolas do litoral do Paraná e suas histórias**, busca dar visibilidade às práticas, aos saberes e às percepções sobre o modo de vida dos moradores de Batuva, uma das comunidades quilombolas do estado do Paraná. Batuva e Rio Verde são as duas comunidades remanescentes quilombolas certificadas pela Fundação Cultural Palmares, e estão localizadas a 36 quilômetros do município de Guaraqueçaba. No estado do Paraná existem 86 comunidades quilombolas identificadas, sendo que 37 delas já são certificadas pela Fundação Cultural Palmares. Ainda assim, muitos dos municípios não sabem da existência dessas comunidades, que permanecem em lugares de difícil acesso.

As Comunidades de Remanescentes de Quilombolas (CRQs) do Paraná, assim como as de todo o território brasileiro, tiveram sua formação no período da abolição do regime escravocrata. Apesar dos conflitos com os latifundiários e madeireiros, os trabalhadores das comunidades rurais quilombolas permanecem com sua cultura e tradição como um símbolo de resistência, reivindicando os direitos quilombolas e as implementações das leis e das políticas públicas que asseguram esses direitos. O fascículo traz algumas atividades sobre a história dessa comunidade e de seu modo de vida a partir dos relatos de seus moradores.

O quarto fascículo apresenta atividades sobre o **Fandango caiçara no litoral do Paraná**. A cultura do fandango está presente em diferentes momentos da vida social das comunidades caiçaras, como nos casamentos, batizados e aniversários, ocupando papel importante no cotidiano delas. A partir do fandango, criam-se laços de solidariedade e convivência, disputas e alianças. O fandango, com algumas inovações, permanece até os dias de hoje como um elemento essencial na sociabilidade caiçara, e seus mestres, batedores e compositores são muito respeitados em suas comunidades.

Para trabalhar com o tema do fandango nas escolas, o fascículo propõe uma construção coletiva de conhecimentos sobre os instrumentos, os passos do bailado e uma pesquisa sobre o pássaro que dá nome a uma das canções de fandango mais conhecidas das comunidades caiçaras.

O último fascículo, **Blocos e escolas em Antonina: Bloco Boi Barroso e o resgate de histórias e práticas culturais**, trata das práticas e saberes que envolvem as atividades desenvolvidas com a comunidade do Boi Barroso, bloco carnavalesco (boi de mamão) do litoral do Paraná. A brincadeira do boi integra o imaginário narrativo popular e, por ser uma história difundida oralmente, está espalhada pelo Brasil em diversas versões, apresentadas no período do carnaval, nas festas juninas e julinas e em agosto, quando se comemora o dia nacional do Bumba Meu Boi. No Brasil e no estado do Paraná, há várias formas de viver o período do carnaval. Há cidades com desfiles de escolas de samba e blocos carnavalescos e outras em que os bailes acontecem em clubes ou associações. Em algumas regiões, há comunidades que não “pulam” o carnaval, e para outras esse é um momento que corresponde ao início de um período de orações.

Esse período faz parte da cultura dos brasileiros e para-
naenses e inclui diversas práticas sociais que convivem na
maior parte das cidades.

Para conhecer o trabalho de resgate e realização
da brincadeira do boi, esse último fascículo apresenta a
versão de enredo apresentada pela comunidade do Boi
Barroso, seus principais personagens e a marchinha que
acompanha o desfile. Como proposta para a escola, há a
possibilidade de fazer uma contação de histórias do en-
redo ou mesmo representá-lo teatralmente, culminando
numa grande brincadeira. Outras duas histórias são apre-
sentadas para contação, baseadas na compilação de his-
tórias das capelinhas católicas da cidade. Esse trabalho,
liderado pelas irmãs Vera, Delma e Pilar, resultou na ex-
posição Rogai por Nós, parte das atividades do Projeto
Mutirão +Cultura na UFPR.

Turismo na escola: uma proposta para o Ensino Fundamental



Noções básicas sobre turismo e hospitalidade

Quando alguém sai do lugar onde mora em direção a outro município, seja ele perto ou longe do local de residência, para fins de passeio ou para visitar um parente ou amigo, isso é turismo! Turismo é uma atividade que pode ser compreendida de múltiplas formas e que se relaciona a várias áreas do conhecimento, pois trata-se de um fenômeno vinculado aos desejos e às necessidades humanas que evolui conforme as transformações sociais e ambientais de cada época¹.

Existem várias definições para o turismo, sendo esse fenômeno pode ser entendido como o deslocamento temporário e voluntário, de acordo com motivações específicas (autoconhecimento, aventura, descanso, aprendizagem, convívio social, entre outros), em que viajantes podem estabelecer relações de consumo de serviços de hospedagem, transporte, alimentação ou recreação e/ou trocas entre quem visita e quem recebe. Nesse sentido, ele é caracterizado pela Organização Mundial do

¹ Molina (2003) considera três estágios diferentes: o “Pré-Turismo”, o “Turismo Industrial” e o “Pós-Industrial”. No primeiro estágio, que durou até meados do século XIX, as viagens eram marcadas como uma passagem educacional da juventude da elite britânica. A segunda etapa estava associada à fuga das atividades cotidianas em oposição ao trabalho e se estendeu até meados do século XX. Nessa fase ocorreu a popularização da atividade turística. A terceira etapa, chamada de pós turismo, trouxe consigo mudanças significativas na organização e no desenvolvimento das atividades turísticas, estando em construção até hoje. Uma influência fundamental desta etapa foi o avanço das Tecnologias da Informação à partir da década de 1990.

Turismo (OMT) como um fenômeno social e econômico que acontece quando alguém se desloca voluntariamente do seu local de residência para um destino onde irá permanecer por no mínimo um dia e durante um período inferior a um ano.

A relação com o território litorâneo para desfrutar do lazer acompanha diversas transformações da sociedade, sendo que nos séculos XIX e XX o deslocamento para fins de lazer era praticado sobretudo pela aristocracia europeia e brasileira. O turismo modifica as dinâmicas de cada local e também é modificado por elas. No Sul e Sudeste do Brasil, a expansão da urbanização na zona costeira esteve diretamente associada à expansão das residências secundárias usadas para fins de lazer, sobretudo a partir das décadas de 1950 e 1960. A década de 1970 foi uma etapa intensa nesse processo, tanto no contexto nacional como no internacional, ocasionando a massificação do turismo (SAMPAIO, 2006; BRASIL, 2010).

Com a saturação de diversos destinos turísticos e o aumento da autonomia dos viajantes para planejar suas viagens, no século XXI, a busca pelo turismo não se restringiu a uma questão de prestígio social, mas tornou-se de vivenciar novas experiências e descobrir “novos destinos”. O turista passa então a buscar diferentes formas de viajar e priorizar a busca por experiências autênticas: “[...] para ser uma experiência, a viagem precisa superar a

banalidade, os aspectos triviais, estereotipados e convencionais e estruturar-se como uma experiência que nasça da riqueza pessoal do viajante em busca de momentos e lugares que enriqueçam sua história” (TRIGO, 2010, p.35). No litoral brasileiro, a multiplicidade da cultura e da natureza constitui um importante atrativo aos viajantes, seja pela culinária, cachoeiras, praias, eventos, florestas, entre outros.

O Paraná possui um vasto potencial para diversas formas de turismo. Um panorama pode ser acessado no site do programa televisivo Plug, da Rede Paranaense de televisão (RPC). Nele, diversos vídeos apresentam atrativos turísticos do estado:
<https://gshow.globo.com/RPC/Plug/>

Existem várias regiões e municípios que têm a atividade turística como atividade principal ou de grande importância, que movimenta a renda local, gera empregos, contempla instalações, infraestrutura e serviços voltados para o acesso e lazer dos turistas.

Para compreender mais sobre os aspectos básicos do fenômeno turístico, recomenda-se a seguinte publicação do Ministério do Turismo (MINTUR) sobre marcos conceituais:
http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Marcos_Conceituais.pdf

Os viajantes planejam suas viagens usando internet, conversando com conhecidos ou lendo guias de turismo. Podem se locomover de carro, ônibus, barco, van, bicicleta ou até mesmo a pé. Os turistas possuem hábitos diferentes de viagem, utilizam serviços de alimentação como: lanchonetes, bares e restaurantes, e de hospedagem como: pousadas, hotéis de luxo, *campings* ou casas de moradores locais. Chegando ao local, buscam atividades variadas, como passeios em centros históricos, trilhas, passeios de barco, compras, participação em eventos e participação em atividades da comunidade.

O turismo traz consigo modificações rápidas nos lugares onde se desenvolve, mais especificamente no ambiente e na economia. Este fenômeno, que proporciona geração de renda e trabalho, entrada de divisas, também favorece a valorização da localidade turística e práticas de conservação ambiental, sendo capaz, entretanto, de trazer de trazer consigo impactos desfavoráveis, como a especulação imobiliária, a descaracterização das paisagens, a segregação da população nativa, a dependência econômica por esta atividade, entre outros efeitos.

É importante que haja participação da população local na organização e gestão da atividade, possibilitando que sejam viabilizadas estratégias para que o turismo seja um meio de valorização do território, do ambiente e da cultura, além de gerar empregos e renda para as pessoas

que moram nos destinos turísticos. Para que o turismo gere benefícios para a localidade receptora, é necessário que haja interesse e engajamento para receber os visitantes, tendo em vista que a hospitalidade é um diferencial e está ligada às formas de relação entre as pessoas. Uma boa hospitalidade vai muito além de um bom atendimento. Todas as pessoas que viajam esperam ser bem recebidas no local visitado e o que irá diferenciar um destino turístico dos outros é como será o acolhimento do turista por parte das pessoas do local.

Como resultado desta ruptura de paradigmas, e no intuito de se buscar um equilíbrio entre as perspectivas econômicas, ambientais, sociais e culturais no turismo, a Conferência da OMT, realizada em Manila no ano de 1980, inseriu e impulsionou a perspectiva do turismo alternativo, cujo objetivo principal deveria ser o de promover a melhoria da qualidade de vida das populações. Para alcançar um turismo de qualidade, cujo desenvolvimento está voltado para alcançar os princípios da sustentabilidade, é necessário incorporar princípios e valores éticos, refletir sobre a sustentabilidade no planejamento turístico, criar mecanismos para a democratização de oportunidades e prever projetos centrados em> parceria, corresponsabilidade e participação (IRVING, 2002).

Entre as diversas possibilidades de participação da população local no turismo, há de se destacar o ecoturismo e o turismo de base comunitária, em que se busca uma relação mais justa com as comunidades receptoras, as quais participam como sujeitos que planejam e interagem com os visitantes em momentos de partilha cultural.

Para saber o que é turismo de base comunitária, consulte os materiais do ICMBio:

http://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/comunicacao/publicacoes/turismo_de_base_comunitaria_em_uc_2017.pdf

Sobre ecoturismo de base comunitária em comunidades caiçaras indica-se o seguinte material para consulta:

<http://www.icmbio.gov.br/cairucu/images/stories/downloads/manual-ecoturismo-comunitaria.pdf>

O litoral paranaense é um território fértil tanto para o turismo convencional, como o praticado nos balneários dos municípios de Matinhos, Guaratuba e Pontal do Paraná, como para o turismo que vise o contato com a história, a natureza e culturas diferenciadas. Conhecer como funciona o turismo na região é um passo importante para que ele gere benefícios para moradores e visitantes.

Turismo no litoral do Paraná

O Litoral é um local com vasta diversidade de atrativos turísticos que oferecem opções de lazer variadas, além das belas praias próprias para banho. Podemos enumerar, entre outros, seu patrimônio histórico e cultural, as baías e ilhas de Antonina, Paranaguá, Guaraqueçaba e Guaratuba, os rios, sítios e propriedades rurais de Morretes, Antonina, Guaratuba e Guaraqueçaba, os centros e caminhos históricos e a cadeia de montanhas da Serra do Mar.

No litoral paranaense, o fluxo turístico se intensificou a partir do século XX com a construção e melhorias de estradas entre a capital do estado e os municípios da região (SAMPAIO, 2006). As iniciativas de investimento em infraestrutura promoveram o acesso ao porto de Paranaguá e às rotas comerciais nas proximidades de Curitiba, viabilizando também o desenvolvimento das atividades balneárias nos municípios de Guaratuba, Matinhos e Pontal do Paraná e no segundo destino turístico mais procurado do estado: a Ilha do Mel, retratada nas imagens a seguir.



PROJETO MUTIRÃO +CULTURA



As belezas da Ilha do Mel retratadas em imagens. Na primeira (acima), a Praia do Miguel e, na segunda (ao lado), a vista de dentro da Gruta das Encantadas. Esses são alguns dos principais atrativos da Praia de Encantadas.

Foto: Projeto Mutirão, 2018

O veraneio associado ao turismo de sol e praia nos municípios de Matinhos, Guaratuba e Pontal do Paraná está diretamente ligado ao intenso uso de segundas residências na região e é praticado sobretudo no período das férias escolares e feriados (PARANÁ, 2010).

Os atrativos turísticos da região, que é morada dos municípios que foram o berço da colonização do estado, como Paranaguá, Morretes, Antonina e Guaraqueçaba, vão muito além das praias. Destacam-se seus caminhos históricos, como a Estrada da Graciosa, o Caminho do Itupava e a Estrada de Ferro, os três ligando o Litoral ao Planalto. A região também guarda a parcela mais conservada de Mata Atlântica do país. Em suas baías avistam-se com frequência golfinhos, vilas de pescadores artesanais, além de vasta biodiversidade de fauna e flora, com potencial para várias formas de turismo, como o ecoturismo e o turismo de base comunitária.

Apesar de detentor de potencial para inúmeras possibilidades de turismo, o litoral do Paraná carece de políticas públicas, capacitação e ordenamento de atividades.

Sobre o turismo no litoral do Paraná, consulte o Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável – PDITS:
www.turismo.pr.gov.br/arquivos/File/setu/pdf/institucional/PDTISProdutoLitoral.pdf

A conjugação de diversidade ambiental e geográfica, de espécies da fauna e flora, aliada à possibilidade de contato com pessoas de comunidades que exercem uma relação cotidiana com esses ambientes, fazem do litoral paranaense um território fértil para o turismo de base comunitária. Neste sentido, a região possui vasto potencial para um turismo diferente do “turismo de ano-novo” ou daquele que acontece no carnaval, em que muitos moradores estão habituados a trabalhar, quando há intenso movimento de pessoas que frequentam as praias durante os meses de verão.

As atividades turísticas no litoral paranaense envolvem muito mais do que as belas praias. Nas baías de Paranaguá e de Guaratuba vivem diversas comunidades tradicionais, com uma cultura singular, que mantêm vínculos diários com o mar, com os



Culinária caiçara como atrativo turístico no litoral do Paraná.

Fotos: Projeto Mutirão, 2018



roçados e com a floresta. O litoral abriga duas comunidades quilombolas, seis comunidades indígenas e muitas comunidades caiçaras. Segundo Adams (2000), os povos caiçaras se originaram da mistura entre europeus e indígenas, geralmente vivendo geralmente da pesca artesanal e da agricultura de subsistência. Mesmo face ao dinamismo da cultura, caiçaras mantêm relações com o ambiente bastante específicas, pois desenvolvem habilidades necessárias para a pesca, extrativismo e pequena agricultura.

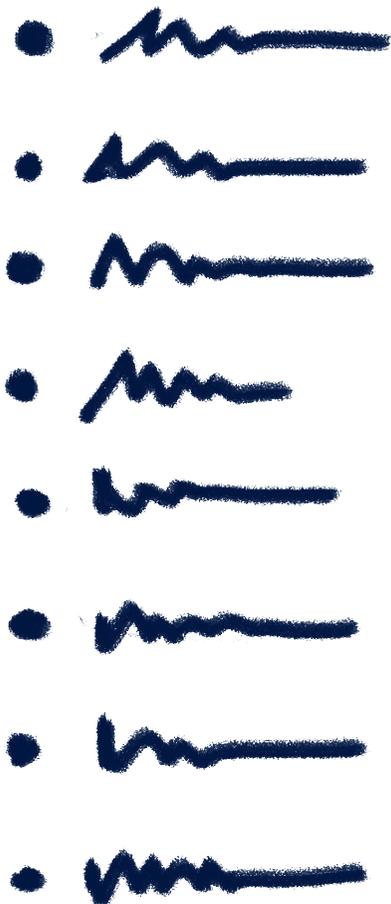
Cada vez mais, turistas viajam para terem experiências únicas com pessoas que vivem nessas localidades, seja para participar de momentos de partilha cultural,



Imagens que retratam a beleza e a importância da pesca na comunidade de Almeida, em Guaraqueçaba, Paraná.
Fotos: Projeto Mutirão, 2018

como em danças, rodas de música, para prostrar e ouvir histórias ou para conhecer o litoral com quem aqui sempre viveu.

Além da riqueza cultural, o litoral do Paraná possui ampla diversidade ambiental. As florestas do nosso litoral, em conexão com as matas do litoral sul de São Paulo, configuram o maior corredor de Mata Atlântica do Brasil. O litoral do estado do Paraná se destaca pela concentração de Unidades de Conservação, contando com 24 dessas unidades, entre federais e estaduais, e 14 Reservas Particulares que atendem ao objetivo de conservar e preservar a biodiversidade e favorecer o desenvolvimento do turismo sustentável. Isso atrai pessoas de inúmeras



localidades do Brasil e do mundo que querem avistar botos, observar aves, fazer trilhas na mata fechada, banhar-se em cachoeiras e rios e saborear comidas típicas da comunidade, como caranguejo e ostras (PARANÁ, 2010).

Justificativa

Implementar projetos temáticos vinculados vinculados ao turismo pode ser uma estratégia que possibilitará abordar questões relacionadas à: cultura, educação ambiental, hospitalidade, alteridade e cidadania, sendo esse um tema transversal.

O turismo como prática pedagógica é essencial para que os educandos estejam aptos ao acolhimento, tenham condições de fazer uma análise crítica sobre o fenômeno e compreendam as inúmeras possibilidades de gerar benefícios para o lugar em que vivem através da organização social voltada à atividade turística.

A seguir, apresentamos os modelos de práticas aplicadas nas escolas municipais Antônio Barbosa Pinto, em Guaraqueçaba, e Iraci Miranda Krueger, em Guaratuba, promovidas pelo projeto Mutirão +Cultura entre 2015 e 2018. Ambas as escolas estão situadas em locais com alto potencial para o turismo de base

comunitária, ou seja, uma forma de turismo que valoriza a partilha cultural entre anfitriões e visitantes e valoriza modos de vida e territórios de comunidades tradicionais visitadas. Após se identificar o desconhecimento da dimensão das potencialidades turísticas do litoral foi necessário envolver as crianças em processos de educação para e pelo turismo para que se viabilizasse a elaboração de uma ótica mais dinâmica e consciente no que diz respeito à atividade turística.

São mostradas as experiências testadas em cuja realização os estudantes demonstraram estar envolvidos e animados e cujo objetivo foi cumprido. Não são como “receitas prontas de bolo”, mas sim referências que podem ser enriquecidas com diálogo e pesquisa no processo de planejamento e avaliação das atividades. Portanto, o turismo na região congrega inúmeros potenciais relacionados à cultura, à natureza e às formas de acolhimento da população local, e para que a atividade contribua para o desenvolvimento da região é importante que haja comprometimento da população local, da iniciativa privada, de órgãos públicos e instituições que influenciam na organização da atividade.



Turismo na escola: possíveis caminhos para planejar

Os projetos de turismo podem ser concebidos na escola, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), como transversais e interdisciplinares. Assim, inicialmente, sugere-se que sejam levantadas informações baseadas nas seguintes perguntas:

Quais são os professores que irão participar?

De que forma irão participar e quais são as contribuições de cada pessoa nesse processo? Quais são suas habilidades? São desenhistas, falam bem, conhecem a região, conhecem pessoas que trabalham com o turismo?

Será necessário formalizar o projeto através da Secretaria de Educação?

Qual o período de duração?

Após o diálogo interno entre professores, direção e secretaria municipal/estadual (se necessário), o primeiro passo seria promover atividades para identificar a compreensão das crianças sobre o turismo. Ainda nessa etapa de planejamento são desenvolvidas algumas atividades para compreender qual a visão dos estudantes sobre a temática central.

Roda de conversa: momento para identificar como as famílias e os conhecidos das crianças estão envolvidos com a gestão do turismo e os conhecimentos deles sobre o turismo que ali ocorre. Sugestões de questões geradoras: quem conhece alguém que trabalha com o turismo? O que a pessoa faz? Como o turismo acontece por aqui? Quando começou o turismo? Quem é o turista?

Pesquisas: Neste momento, é interessante que conceitos básicos como turismo, turista, turismo responsável, entre outros, sejam investigados. Sugerimos que sejam feitas atividades, em grupos ou individuais, que respondam às perguntas ao lado:

O que tem de diferente aqui na comunidade?

Quem são as famílias e pessoas da minha comunidade que vão trabalhar ou que já trabalham com o turismo? Faça uma lista.

Como começou o turismo na sua comunidade? Em quais meses do ano desejamos trabalhar com o turismo?

Projeto em movimento: execução das atividades

ATIVIDADE 1 – O USO DE DRAMATIZAÇÕES

Objetivo: abordar temas vinculados ao turismo de maneira breve, dinâmica e de fácil compreensão usando elementos próximos aos estudantes, como expressões de costume regional ou até mesmo nomes de lugares que costumam visitar.

Disciplinas relacionadas: Geografia, Português, História e Artes.

O teatro é uma maneira dinâmica e interativa de ensino; o uso da dramatização como ferramenta pedagógica traz ludicidade para o aprendizado. Por meio do teatro é possível estimular o desenvolvimento cognitivo, atitudinal, afetivo e psicossocial da criança. Ele propicia um espaço de reflexão, criação e interação.

A seguir, será apresentado o exemplo de dramatização proposto na Escola Antônio Barbosa Pinto, em Guaraqueçaba. A escola está localizada no bairro Rocio e atende crianças de diversas regiões do município. Na vida e no cotidiano dos estudantes de qualquer uma dessas regiões são refletidos muitos aspectos das vivências e da cultura caiçara, seja por meio da pesca artesanal, de plantações (roças), manifestações culturais tradicionais e até mesmo expressões regionais.

Esses casos poderão indicar diretrizes sugeridas aos professores e, a partir do que foi realizado no projeto, as atividades podem ser modificadas seguindo a lógica de aplicação e objetivos. Neste caso, o tema foi Turismo de Base Comunitária.

Tempo máximo: 10 minutos

Número máximo de participantes: 6 (4 atuantes e 2 prestando apoio).

Glossário das expressões regionais usadas no texto

MEU BONJE: forma de pronúncia da frase “Meu bom Jesus”;

PÔCO: forma de pronúncia da palavra “pouco”, de uma maneira irônica;

BEM PÔCO: forma de pronúncia de “muito pouco”, de uma maneira irônica;

CAMBIRA: prato típico caiçara feito de peixe defumado (geralmente tainha) e banana;

VÊDE: Forma de pronúncia da palavra “veja”.

MEU CANÉCO: expressão usada para dar ênfase à alguma situação.

Indicamos a utilização de elementos de cenário simplificados para que se facilite a apresentação, por exemplo, dentro da sala de aula ou em algum ambiente maior ou externo.

Tema: A Tarrafa de seu Sebastião e o Turismo de Base Comunitária

Personagens: Criança Turista - Marina (M); Criança Local - João (J); Seu Sebastião (AVÔ)

Cenário geral: a cena se passa em uma tarde de verão em que Marina, a turista de férias com a família na temporada, entra na casa de João, que é residente local, de família de pescadores artesanais e que são anfitriões de Turismo Familiar, ou Turismo de Base Comunitária.

Cena 1: o avô consertando uma tarrafa (rede de pesca), sentado em um canto, quando as duas crianças (M e J) entram no ambiente.

MARINA: Ai que tédio, só chove aqui.

JOÃO: “Meeu canéco”, essa temporada não para de chover mesmo. Esse aqui é o meu avô, o Sebastião. Ei vô, essa aqui é a Marina, ela é lá de Curitiba e a família dela alugou a casa de Salete para passar a temporada aqui.

AVÔ: Tá bom, só não façam bagunça, que a sua mãe acabou de ajeitar a casa. E se ela chegar e estiver bagunçado, “MEEU BONJE”, fica “PÔCO” braba!!!

J: Beleza, vô.

M: Mas... do que a gente brinca agora?

J: Ahhhh deixa eu ver... que tal jogar xadrez?

M: Mas é tão parado.

J: Concordo... E JOGO DA VELHA??

M: Ah não... tem algum outro?

J: Que tal o jogo da memória?

M: Tá bom, pode ser esse.

J: Pera aí, vou buscar, fica à vontade, tá?

(Marina fica observando o local com curiosidade, enquanto João finge procurar algo em uma caixa com outras coisas e retorna à sala com um jogo da memória).

M: Ei, o que que seu avô está fazendo ali?

J: Ah, ele está remendando a tarrafa dele porque amanhã ele sai bem cedo pra pescar.

M: QUÊ? REMENDANDO A GARRAFA?

J: Nããããão, tarrafa! É o nome que a gente dá pra rede de pesca.

M: Nossa... Mas como é que usa isso?

J: Bom, ele joga ela na água, aí espera um pouco e puxa, pra ver se algum peixe caiu na rede. Se nenhum tiver caído, ele joga de novo e espera até conseguir pescar os peixes!

M: Então quer dizer que o peixe que vocês comem não é do mercado???

J: Às vezes sim, mas na maioria das vezes é o meu avô que pesca.

M: Mas faz tempo que ele faz isso?

J: “PÔ BEM PÔCO!!” Praticamente toda a minha família aprendeu a fazer isso há muito tempo. Antes mesmo dos seus pais nascerem! Não é, vovô?

AVÔ: Sim, é isso mesmo, meu filho. Ainda me lembro como se fosse ontem, meu avô me ensinando a rendar a minha primeira rede.

E depois, eu ensinando o seu pai a rendar a primeira rede dele, quando ele tinha mais ou menos a sua idade.

J: E eu também estou aprendendo agora!

M: Nossa, que bacana. Acho que ninguém na minha família sabe fazer tarrafa, muito menos pescar! Até porque nem daria, onde eu moro todos os rios são poluídos.

J: Nós aqui do Litoral também temos esse problema. Algumas partes dos nossos rios e mares já estão sujos por conta do descaso e da falta de consciência das pessoas com nossas riquezas naturais. Elas não entendem que se a gente não cuidar e valorizar paisagens lindas como a que temos aqui, um dia elas vão deixar de existir. E depois não tem jeito, né, não adianta chorar.

M: É, vai entender esse pessoal. Mas vem cá, por que vocês não convidam as pessoas pra virem aqui pra conhecer a cultura de vocês e esse lugar lindo que está aqui em volta? Quem sabe assim as pessoas entendam o valor que esses lugares têm e aprendam a valorizá-los?

AVÔ: Mas a gente faz isso sim! Aqui em casa nós recebemos pessoas, turistas como você e sua família, e as convidamos para viver um pouco

as nossas atividades, costumes e valores, por exemplo com relação ao cuidado e o respeito à natureza que nós temos.

M: Mas vocês recebem pessoas estranhas aqui dentro da casa de vocês? E elas pagam por isso?!

AVÔ: Sim! Nós recebemos. No caso da nossa família, que é de pescadores, nós levamos as pessoas para pescar junto conosco e mostramos para elas, por exemplo, como se malha uma tarrafa, como se prepara uma isca, como preparamos o anzol. Depois nós voltamos pra casa com aquele peixe fresquinho que pescamos juntos e a mãe da Joana nos ajuda a preparar aqui mesmo na nossa cozinha um almoço pra todo mundo. E como a região é muito rica e não dá pra conhecer tudo no mesmo dia, eles acabam dormindo aqui.

J: “PÔ, BEM RUIM”, e sempre rola uma “CAMBIRINHA” ainda.

M: Mas eles pousam aqui? Aqui é um hotel também?

J: Nããão! Haha! Eles dormem aqui do mesmo jeito que a gente, como se fossem nossos convidados. Afinal de contas, eles são mesmo. Né, vovô?

AVÔ: Sim, isso mesmo!

M: Ah, entendi! É tipo uma pousada mas aqui na casa de vocês né?

J: É mais ou menos parecido.

M: Mas “perai”, vocês não disseram que o dinheiro de vocês vinha da pesca?

J: E vem! O nosso principal sustento vem da pesca sim. A renda que conseguimos com os visitantes, nós tiramos pro gasto.

M: Mas se as pessoas vêm, comem, dormem, e não é um hotel, um restaurante nem uma pousada, como é o nome disso?

AVÔ/J (em coro): **TURISMO DE BASE
COMUNITÁRIA!!!**

M: Nossa, mas vem todo mundo para a casa de vocês? Não fica muito cheio não?

AVÔ: Não, pois aqui na comunidade não somos os únicos a fazer isso. Tem, por exemplo, a casa de Dirce, que ao invés da pesca artesanal como nossa família, produz farinha de mandioca. Quando os visitantes a procuram para conhecer o seu trabalho, ela leva eles até a roça, colhem juntos a mandioca, e depois vão pra casa dela

pra moer, secar e torrar, participando assim do processo de produção da farinha, que é tradicional na família da dona Dirce.

M: Pôxa, que legal!! Eu quero muito passar um dia aqui com vocês. E vou o quanto antes convidar toda a minha família e meus amigos para que eles também possam ter essa experiência superespecial!

J: Que bom que gostou, Marina!! Pode vir e chamar quem você quiser, que vai ser muito bem recebido!! Né, vô?! Olha só, parou de chover!! Vamos brincar lá fora!!!! Tchau vô, até depois!

M: Tchau, seu Sebastião!!

AVÔ: Tchau, crianças, se cuidem!!

ATIVIDADE 2 – CARTOGRAFIA TURÍSTICA INFANTIL

Objetivo: Reconhecer e valorizar a importância da cultura e as potencialidades da comunidade para o turismo.

Disciplinas relacionadas: Geografia, História e Artes.

ETAPA 1

Explicar o que é ou pode ser um atrativo turístico na comunidade.

Ignarra (2003) afirma que os atrativos estão relacionados com as motivações de viagens dos turistas e a avaliação que ele faz desses elementos. Uma vez que os atrativos turísticos são responsáveis pelas motivações de viagens e por efetivamente receber os turistas, é necessário entender como ordenar esses atrativos a partir da sua responsabilidade no fluxo turístico de uma determinada região. Dessa forma, colocar estas questões:

- Para vocês, o que é um atrativo turístico?
 - Quais são os atrativos turísticos da nossa região?
-

ETAPA 2

Pedir aos estudantes que pesquisem na comunidade e listem no mínimo cinco atrativos da região, separados em ATRATIVOS CONSOLIDADOS (que já recebem visitação) e ATRATIVOS POTENCIAIS.

Cada estudante faz um desenho e apresenta o que pesquisou. Em sala, em um mapa da comunidade (opcional), os estudantes colam as representações dos atrativos turísticos (podem utilizar recortes em tamanho padronizado, com símbolos dos atrativos).

ETAPA 3

Os estudantes desenham pessoas, atividades e lugares que tenham rela o com o turismo.

Nesta etapa, podem surgir desenhos como: cultivo de ostras, manguezais, *ferryboats*, comidas típicas. Por fim, a equipe do projeto leva alguns símbolos que representam atividades turísticas (caminhada, cachoeira, passeio de barco) para que eles coloquem no mapa aquilo que acham que o visitante poderia fazer na região. A partir da , propor a questão:

- Se vocês fossem turistas, que tipo de coisas gostariam de fazer na região?
-

ATIVIDADE 3 – OFICINAS CULTURAIS

Objetivo: Refletir sobre aspectos da cultura, meio ambiente, território e turismo e vivenciá-los.

Disciplinas relacionadas: Geografia, História e Artes.

O primeiro passo para esta ação é identificar entre as crianças ou os professores quais são os “mestres” das comunidades. Quais pessoas marcam a história e cultura e ainda permanecem na região? Quem tem conhecimentos raros? Os mestres geralmente são pessoas mais velhas, reconhecidas na comunidade como sábios ou que dominam determinados ofícios ou práticas. Conhecedores vinculados ao território e seu passado – por exemplo, pescadores, agricultores, produtores de farinha, talhadores de canoa, cultivadores de ostras, etc.

Planejamento: a organização da atividade deve incluir os alunos, desde a seleção dos mestres até a elaboração das pesquisas sobre os temas e seleção das atividades, definindo-se onde será, quando será, de que jeito, quais serão os materiais necessários e o tempo de duração.

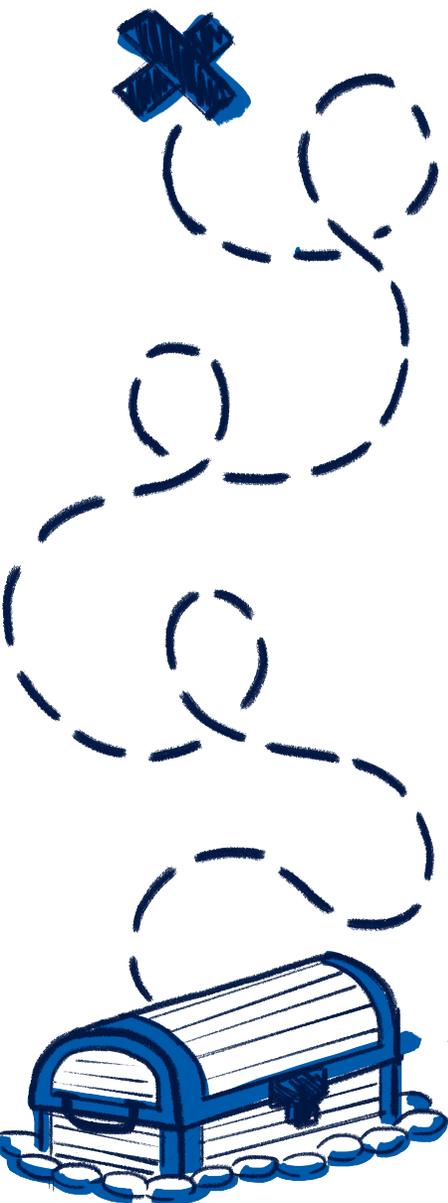
É sempre desejável levar as crianças aos locais onde os mestres exercem seu ofício. O espaço de aprendizagem pode ser a praia, a praça, a oficina, a mata. Na escola da Prainha e de Caieiras, as crianças saíram de seu ambiente escolar para ir até à praia, até à oficina do mestre

carpinteiro que há muitos anos tinha a habilidade de extrair a canoa de um pau só de dentro do tronco caído, ao local de cultivo de ostras e à casa de farinha. É preciso preparar os estudantes com explicações sobre o tema de domínio dos mestres para que possam observar e estejam atentos para interagir e aprender. Quando as aulas forem ministradas pelos mestres, é necessário contar com o apoio dos professores na organização e na logística e dos educandos.



Oficina sobre o cultivo de ostras.

Foto: Felipe Monteiro de Souza, 2017.



Caça ao tesouro

Objetivo: Despertar a curiosidade e a reflexão acerca da preservação e da conservação da natureza.

Pessoas	De 5 a 30
Tempo	40 minutos
Suporte	2 pessoas
Local	De preferência ao ar livre: pátio da escola, praça, parque, praia, trilha, etc.

Disciplinas relacionadas: Geografia, História e Artes.

Etapas

1 Antes de elaborar as pistas para o jogo, é recomendado que o professor/educador faça uma visita ao local a fim de escolher os lugares para esconder as pistas e reconhecer os conceitos que poderão ser abordados. É importante fazer algumas anotações que facilitarão a elaboração das pistas e as escolhas dos locais onde elas serão escondidas.

- » Elenque alguns conteúdos que possam ser abordados na relação cultura, ambiente e turismo. Exemplos: flora e fauna, cultura popular, uso das plantas.

» Faça um mapa do local onde será realizado o jogo e marque os locais onde serão escondidas as pistas.

2 O número de pistas dependerá do tamanho do local e da quantidade de pessoas. É recomendado que haja pelo menos uma pista para cada participante.

3 Elaboração das pistas: essa fase é mais trabalhosa, pois, além contemplar os conteúdos e conceitos, as pistas também precisam ter um lado poético e lúdico.

Prefira usar a linguagem na primeira pessoa, como se a natureza estivesse falando com as crianças:

Eu nasço em uma sementinha e cresço grudada na pedra. Minha casca me protege, não é qualquer um que consegue quebrar. A água da baía me alimenta e faz crescer. Quem sou eu? (resposta: ostra). Sua próxima pista está em um lugar a que todos não veem a hora de chegar.

Tente relacionar um conceito com uma curiosidade ou um exemplo prático.

Você está prestes a encontrar o seu tesouro. Antigamente eu era muito usada para fazer as viagens. Para percorrer a baía inteira não preciso de motor, quem me comanda são os remos. Tudo isso graças a uma matéria-prima que é bem

trabalhada pelas mãos de um carpinteiro. Hoje vem muita gente atrás de mim, não para trabalhar, mas pra fazer passeios! Quem sou eu? (resposta: canoa de um pau só). Seu tesouro está escondido num lugar muito perto da floresta.

- » Termine a pista dando dicas para encontrar a próxima. **Importante: as pistas devem seguir uma sequência. Na pista 1, deve haver dicas para encontrar a 2 e assim por diante.**

Para os alunos receberem a primeira pista, eles participarão de uma dinâmica, na qual terão que montar um quebra-cabeça de palavras que forme uma frase:

A MATA ATLÂNTICA CONSERVADA ATRAI ANIMAIS E TURISTAS!

- 4** Horas antes do jogo, esconda as pistas nos locais escolhidos. Essas pistas podem ser impressas ou escritas a caneta.
- 5** Se o grupo tiver mais de 15 pessoas é recomendado dividi-lo em dois grupos. Primeiro joga um grupo e depois o outro. Nesse caso, passe outra atividade para o grupo que vai aguardar e de preferência a ser realizada outro local.

6 Dê um número para cada participante, assim não haverá confusão na hora de ler as pistas. Esses números são relacionados à quantidade de pistas. Lembrando que é interessante fazer as pistas de acordo com a quantidade de participantes. Quem ficou com o número 1 lê a pista 1 e assim por diante.

7 Para começar o jogo, os participantes terão que montar corretamente o quebra-cabeça de palavras.

8 É importante o professor/monitor acompanhar todo o jogo, assim pode ajudar caso haja alguma dúvida sobre o esconderijo ou o conteúdo da pista.

9 Como as pistas são sucessivas, o grau de dificuldade está na interpretação. Independentemente do número de pistas, eles vão encontrar o tesouro.

10 O tesouro pode ser algo que simbolize a natureza ou algo que represente a comunidade e que seja compartilhado por todos. Sugerimos uma muda de árvore nativa ou sementes, elementos da natureza que simbolizam a multiplicação da vida.

Parabéns!! Vocês me encontraram. Eu sou o Guanandi, sou a primeira árvore protegida por lei no Brasil. Quero que minhas raízes fiquem bem firmes no lugar onde vocês vão me plantar. Vou crescer, meus frutos vão servir de alimento para vários animais, meus galhos de abrigo para pássaros

e seus ninhos, e minha sombra, para descansar e brincar. Não sou um baú de moedas de ouro, nem uma árvore de dinheiro, mas acredite, sou muito mais valioso porque através da fotossíntese transformo o gás carbônico em oxigênio, ar que te mantém vivo!

- 11** O tesouro pode ser plantado na própria escola. O professor pode organizar um dia para plantar as sementes em vasos e depois, quando elas estiverem em estágio de plantio, as crianças podem escolher um lugar na comunidade para plantar as mudas.

Sistematização do conhecimento ao fim das propostas

Além de rodas de conversa, ao final sugere-se que sejam aplicadas atividades como forma de sistematização do conhecimento adquirido ao longo do projeto, além de exposições dos trabalhos realizados. A escolha fica a critério da comunidade escolar e dos recursos disponíveis. A seguir, temos dois exemplos propostos, um na escola Iraci Miranda Kruger e outro na Antônio Barbosa Pinto: a paródia da música “A Canoa Virou”, estruturada com elementos abordados nas oficinas culturais e cantada junto das crianças, acompanhada por um instrumento (nesse caso um violão); e uma cruzadinha também estruturada a partir de elementos abordados durante os encontros.

PARÓDIA: A CANOA DE UM PAU SÓ

REFRÃO:

^C
A canoa de um pau só
^C
Flutuando na baía
^D
Era um guapuruvu
^C ^G
Que ali na mata vivia (2x)

^G
Hoje de manhã
^C
Fui pescar lá na prainha
^D
Acordei bem cedo
^C ^G
Preparei minha varinha
^G
Esperei bem paciente
^C
Pois queria uma tainha
^D
Mas no meu anzol só vinha
^C ^G
Sirizinho e sirizinha

REFRÃO (2X)

^G
Foi no meio da baía
^C
Que eu puxei um baiacu
^D
Remando na minha canoa

^C ^G
Feita de guapuruvu
^G
Ela é muito resistente
^C
E bonita de dar dó
^D
Pois foi toda talhada
^C ^G
Dentro de um tronco só

Refrão (2x)

^G
Vamos reciclar o lixo
^C
A natureza respeitar
^D
Pois a terra é nossa casa
^C ^G
E dela devemos cuidar
^G
E eu sou muito feliz
^C
Por aqui também morar
^D
Perto de tantas belezas
^C ^G
Litoral do Paraná

REFRÃO (2X)

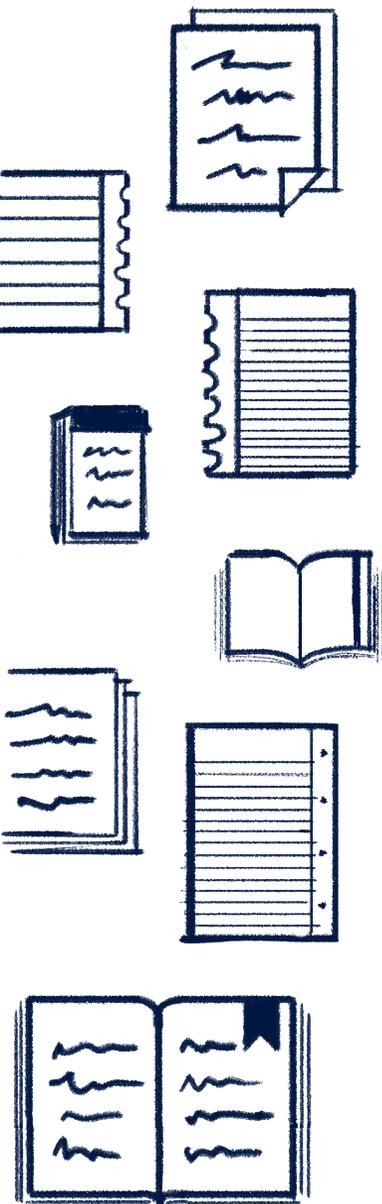
^G
Foi no meio da baía
^C
Que eu puxei um baiacu
^D
Remando na minha canoa



1. Sou um tipo de rede usada para a pesca de peixes pequenos em águas rasas.
2. Sou um instrumento usado no Fandango Caiçara.
3. Sou um peixe e você me vê principalmente no inverno.
4. Venho da roça e meu destino é a Casa da Farinha.
5. Sou muito utilizada na pesca e feita artesanalmente de um pau só.
6. Neste local é fabricado um alimento feito de mandioca.
7. Uns acham que eu cheiro mal, mas sou rico em matéria orgânica e também sou conhecido como o berçário do mar.
8. Sou uma cidade do litoral do Paraná e levo o nome de uma ave vermelha.
9. Sou os costumes, ensinamentos, crenças, técnicas e tradições dos povos que habitam os litorais sul e sudeste do Brasil.
10. Sou uma ave rosa com um bico muito parecido com um utensílio de cozinha.
11. Sou feito de Taquaras, arames e troncos e você pode me encontrar principalmente dentro do estuário.
12. Estou localizado na cidade de Guaraqueçaba e muitas pessoas me visitam para ver o pôr do sol, fico bem no pé de um morro.
13. Sou restrito a uma determinada região. Muitos me consideram uma palavra estranha.
14. Sou a mistura de rio e mar e minha água é salobra.
15. Sou um lugar onde se reproduzem e se conservam animais vivos.
16. Sou uma palavra muito usada no dialeto caiçara, sou o mesmo que soluço.
17. Posso ser música ou dança. Estou ligado às crenças e tradições caiçaras.

RESPOSTAS

1. Tarrafa
2. Rabeca
3. Tainha
4. Mandioca
5. Canoa caiçara
6. Casa de farinha
7. Manguezal
8. Guaraqueçaba
9. Cultura caiçara
10. Colhereiro
11. Cerco fixo
12. Ponta do Morretes
13. Endêmico
14. Estuário
15. Viveiro
16. Jojoca
17. Fandango
18. Turimos de Base Comunitária



Resultados esperados

Espera-se que as atividades apresentadas inspirem os educadores a conduzir processos de evidenciação das potencialidades da região para o turismo, de modo a gerar novos olhares e posturas. A beleza desse trabalho se revela ao vincular o turismo ao lugar onde a comunidade escolar está inserida.

Destaca-se que o envolvimento de toda a comunidade – desde a sua direção até seus pedagogos, educadores e educandos, famílias e “mestres” da cultura popular é imprescindível. É importante que todos compreendam que a intenção de trabalhar a temática do turismo é ajudar as crianças a compreender o fenômeno nas localidades em que estão inseridas e seus papéis como da sociedade. As pessoas da comunidade escolar e de seu entorno são agentes de transformação, na medida em que podem levar, desde já, seus conhecimentos para suas famílias, podendo também interagir com os visitantes em situações em que o contato seja favorecido. Além disso, as crianças poderão perceber que, em idade adulta, o turismo poderá ser mais uma opção de trabalho e renda.

Implantar projetos nas escolas possibilita que o turismo, como tema de aprendizagem, seja uma estratégia para auxiliar a formação de estudantes da educação básica, possibilitando a relação entre conteúdos curriculares como: Português, Matemática, Ciências, História, geografia, Arte e Educação Física.

Além da integração curricular, a proposta possibilita enaltecer o sentimento de pertencimento, reforçando vínculos com o território, com as pessoas, histórias e práticas culturais em constante dinamismo.

Por mais prazeroso que seja viajar, o estudo desse fenômeno é algo complexo. Tornar o tema algo lúdico e instigante para as crianças será o desafio dos educadores. Pela vivência de projetos contextualizados com a realidade, é possível reforçar processos de criação, de afeto ao lugar onde se vive, de cuidado para aprender a viver melhor e a conviver em sociedade, com a natureza e com os fenômenos que influenciam o cotidiano, como o turismo.

Referências

ADAMS, C. *As populações caiçaras e o mito do bom selvagem: a necessidade de uma nova abordagem interdisciplinar*. Revista de Antropologia. São Paulo, v. 43, 2000. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-77012000000100005&script=sci_arttext. Acesso em: 30 nov. 2018.

BRASIL. Ministério do Turismo. *Turismo de sol e praia: orientações básicas*. 2. ed. Brasília, 2010. Disponível em: http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Turismo_de_Sol_e_Praia_Versxo_Final_IMPRESSxO_.pdf. Acesso em: 24 nov. 2018.

COOPER, C. et al. *Turismo: princípios e práticas*. 2. ed. São Paulo: Artmed, 2000.

IGNARA, Luiz Renato. *Fundamentos do Turismo*. 2. Ed. rev. e ampl. – São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

IRVING, M. A. Turismo, ética e educação ambiental: novos paradigmas em planejamento. In: IRVING, M. A.; AZEVEDO, J. Turismo: o desafio da sustentabilidade. São Paulo, Futura, 2002.

MOLINA, S. *O pós-turismo*. São Paulo: Aleph, 2003.

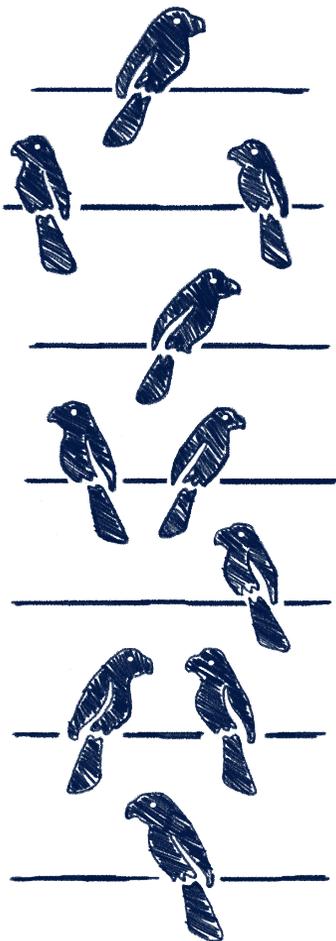
NETTO, A. P.; GAETA, C. *Turismo de Experiência*. São Paulo: SENAC, 2010.

PARANÁ. Secretaria de Turismo. *Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável Polo Turístico do Litoral Paranaense (PDTIS-LP)*. Ponta Grossa: FAU-UEPG, 2010.

SAMPAIO, R. *Uso balneário, apropriação do espaço e meio ambiente em Pontal do Paraná, litoral paranaense*. 239 f. Tese (Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento) – Setor de Ciências Agrárias, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2006.

TITO A. L. A.; BRUMATTI, P. N. M.; NÓBREGA, W. R. M. Pós-modernidade e turismo: *reflexões acerca da experiência turística no contexto das agências de viagens*. *Revista Turismo em Análise*, ECA-USP, São Paulo, v. 28, n. 3, p. 424-437, set./dez. 2017.

TRIGO, L. G. G. *A viagem como experiência significativa*. In: NETTO, A. P.; GAETA, C. *Turismo de Experiência*. São Paulo: SENAC, 2010. p. 21-42.



Equipe

Beatriz Cabral

Felipe Souza

Gisele Horokoski

Aline de Oliveira Gonçalves

Celina Nascimento

André Alves

AGRADECIMENTOS

À comunidade escolar da Escola

Municipal de Guaratuba Iraci

Miranda Kruger, de Guaratuba-

PR; à Escola Municipal de

Guaraqueçaba Antônio Barbosa

Pinto, de Guaraqueçaba-PR;

À UFPR LITORAL E AO PROJETO

MUTIRÃO UFPR. Aos bolsistas

que participaram das ações

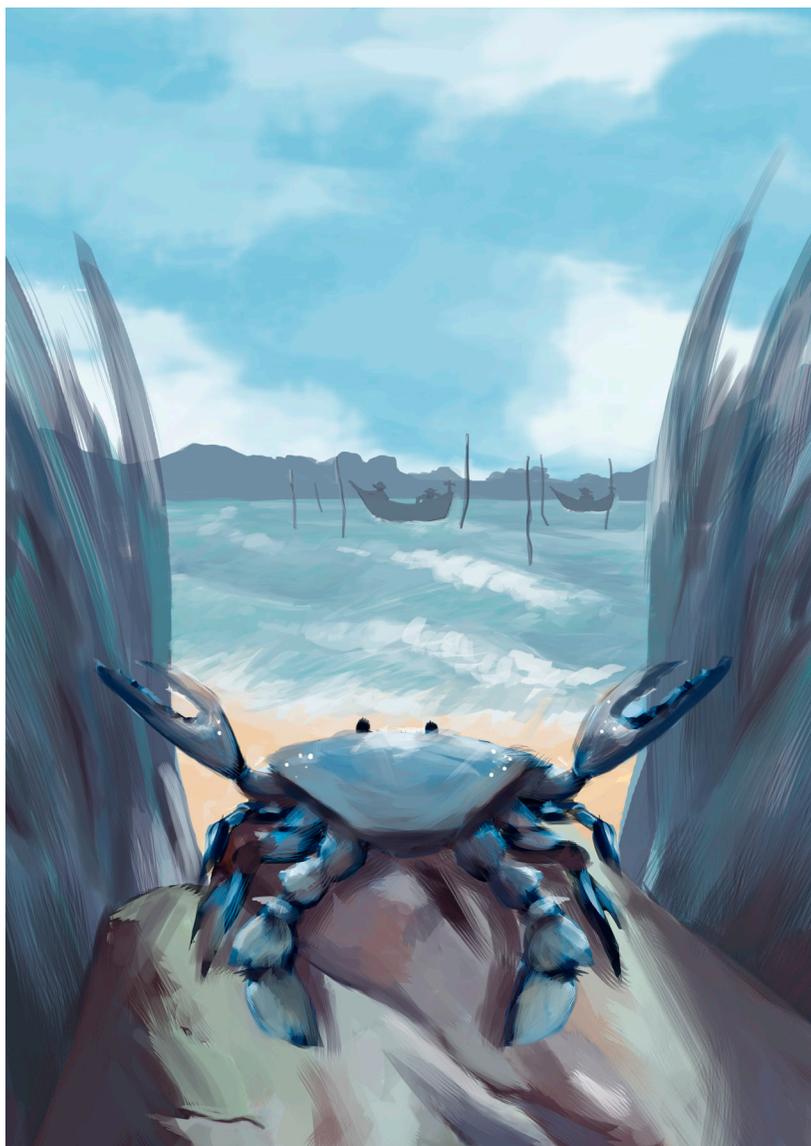
nas escolas entre 2015 e 2018:

Maiara Zanatta, Leandro Peres,

Patrícia Farias, Márcio Vianna (*in
memoriam*), Naila Faria e Jéssica

das Neves.





O projeto gráfico do Mutirão +Cultura foi criado a partir de um conceito: os rabiscos. As ilustrações de todos os fascículos remetem aos desenhos feitos nas bordas de livros e cadernos por todos que um dia já foram alunos. Para complementar e criar maior coesão no conjunto, cada caderno possui uma cor (ou uma paleta de cores) que remete ao tema tratado no fascículo.

Título

Mutirão +Cultura

Turismo na Escola: uma Proposta para o Ensino Fundamental

Projeto Gráfico

Victor Uchoa

Revisão de Texto

Fernanda Cristina Lopes

Pamela Cristine de Oliveira

Revisão de Editorial

Daniele Soares Carneiro

Luana Zacharias Karam

Nº Páginas 60

ISBN 978-85-8480-212-8

Tipografia & Papel

Prater Sans Pro [título] e Ratio [texto]

Papel offset 120g/m² [miolo] e 180g/m² [capa]

Impresso na Imprensa da UFPR

Tiragem 100

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. SISTEMA DE BIBLIOTECAS.
BIBLIOTECA CENTRAL – COORDENAÇÃO DE PROCESSOS TÉCNICOS**

B651 Blocos e escolas em Antonina : bloco Boi Barroso e o resgate de histórias e práticas culturais / organizadoras : Deise Cristina de Lima Picanço, Fernanda Cristina Lopes, Pamela Cristine de Oliveira. – [Curitiba] : Ed. UFPR, 2019.

49 p. : il., color. ; 22 cm.

Acima do título: Projeto Mutirão + Cultura.

Inclui referências: p. 47.

ISBN 978-85-8480-214-2

1. Folclore - Paraná 2. Bumba-meu-boi - Antonina (PR). 3. Danças folclóricas brasileiras - Paraná. I. Picanço, Deise Cristina de Lima, 1969- . II. Lopes, Fernanda Cristina, 1993- . III. Oliveira, Pamela Cristine de, 1994- . IV. Universidade Federal do Paraná. Museu de Arqueologia e Etnologia. V. Universidade Federal do Paraná. Projeto Mutirão Mais Cultura. VI. Título.

CDD: 394.598162

CDU: 793.3(816.2)

Bibliotecário: Arthur Leitis Junior - CRB 9/1548

DIREITOS DESTA EDIÇÃO RESERVADOS À EDITORA UFPR

Rua João Negrão, 280, 2º andar – Centro

Tel.: (41) 3360-7489

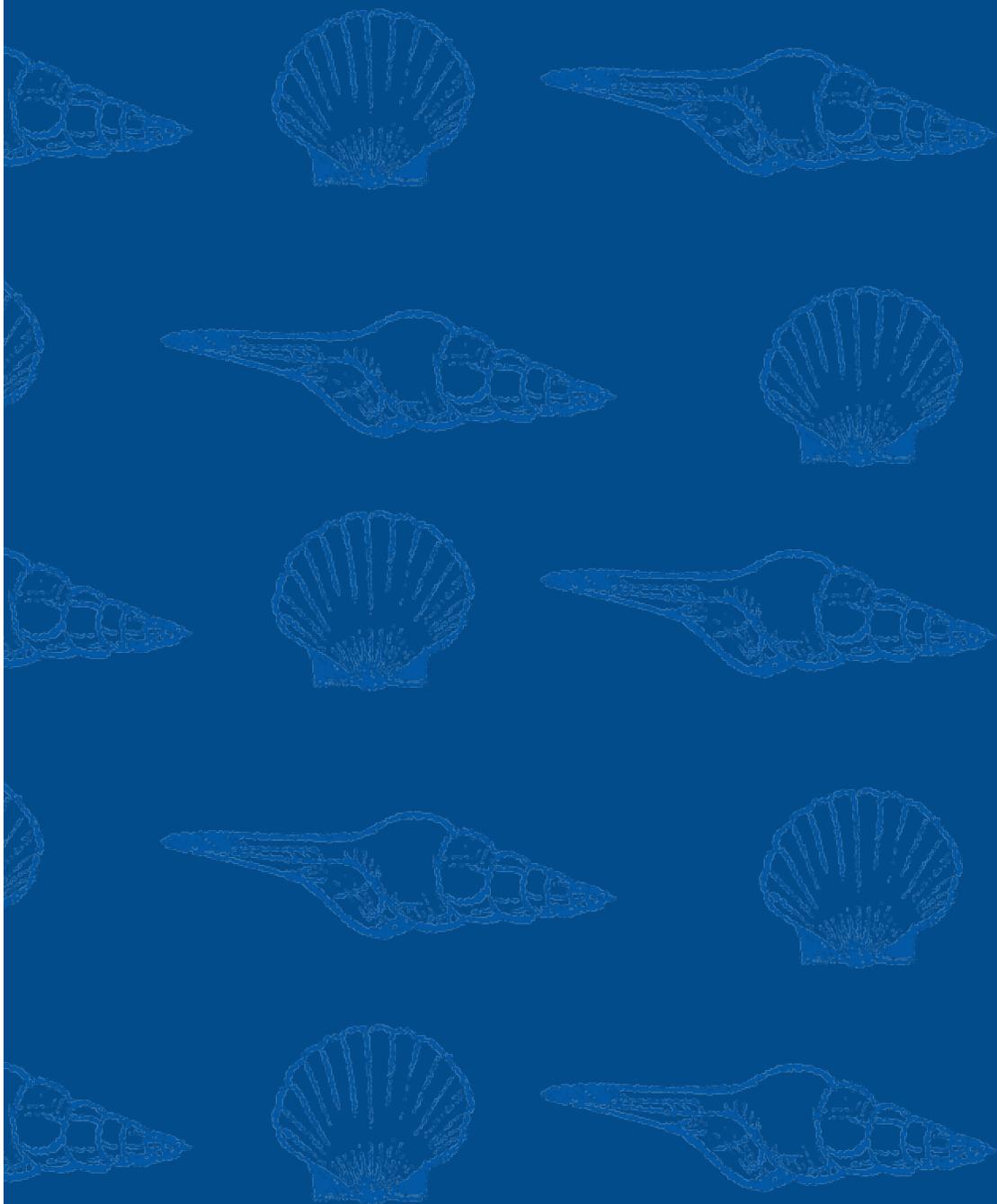
80010-200 – Curitiba – Paraná – Brasil

www.editora.ufpr.br

editora@ufpr.br

2019







Realização



Apoio

